

Elsenor

*Elsenor*, que os francezes chamam *Elseneur*, os inglezes *Elsinore*, e os dinamarquezes *Helsingoer*, é um importante porto e cidade no districto de Frederiksborg, na ilha dinamarqueza de Seeland, no ponto menos largo do estreito que fica entre o Kattegat e o Ballico, defronte de Helsingborg, porto da Suecia.

Era este o ponto, onde o governo dinamarquez percebia, não ha ainda muito, certos direitos por cada navio que passava pelo Sund.

Numa lingua de terra, ao oriente de Elsenor, está o castello e fortaleza de Krouborg, e ha ali um bello palacio, denominado Maryenlist, com um hospital para marinheiros. — Elsenor, em si, é uma cidade aberta, e tem nos ultimos tempos sido muito aperfeicoada. Consiste em uma rua principal, de grande extensão, com algumas ruas lateraes; tem um porto accessivel a navios que demandam pouco fundo; e os seus habitantes exercitam diversos generos de industria, afóra as relações commerciaes que teem com os paizes estrangeiros. — Fica não muito distante de Copenhague e de Stokolmo.

As visinhanças de Elsenor são interessantes para os homens que cultivam as letras, por ser ali que Shakespearre poz algumas scenas da sua famosa tragedia — *Hamlet*.

Dissémos que em Elsenor percebia o governo dinamarquez certos direitos por cada navio que

passava pelo Sund. Essa pratica acabou nos ultimos annos, por meio de tratados que as potencias celebraram com a Dinamarca, mediante indemnisação pecuniaria. — No que a Portugal diz respeito, diremos que celebrou este reino um tratado com a Dinamarca em 12 de novembro de 1858, para a completa abolição dos direitos de alfandega, tonelagem, fogo, pharoes, balisas e outros quaesquer direitos pelo caseo ou cargas sobre navios portuguezes, que navegavam do mar do Norte para o Ballico, ou *vice versa*. — Como indemnisação dos sacrificios impostos á Dinamarca por esta estipulação, obrigou-se o governo portuguez a pagar ao da Dinamarca a somma de 274:823 rixdalers, moeda dinamarqueza, — ou 30:536 libras esterlinas. (Veja a *Colleção official da legislação portugueza do anno de 1859*, pag. 215, 255 e seguintes.)

#### PORTUGAL CONTEMPORANEO AVALIADO POR UM VIAJANTE FRANCEZ

Com o titulo *Le Portugal sous le roi Dom Luiz, Impressions et souvenirs* publicou o sr. V. de Mazade, na *Revista dos dois mundos* de 1 de julho de 1864, um artigo notavel, apesar de muitos erros e de muitas apreciações falsas que lhe podemos encontrar. Mas estamos de tal forma habituados a ver os estrangeiros, e principalmente os france-

zes, fallarem das nossas cousas sem terem dellas o minimo conhecimento e sempre com prevenções malevolas, que nos é agradavel depararmos um trabalho feito com alguma consciencia, e em que transparece principalmente uma tão viva sympathia pelas nossas cousas.

Julgamos que os leitores do *Panorama* lerão com interesse uma obra que tende a tornar conhecidas lá fóra as nossas instituições, a nossa politica, a nossa litteratura e o estado de desenvolvimento da nossa civilisação, principalmente quando essa obra foi publicadã na capital do mundo illustrado, nessa Paris que herdou as tradições de Roma e de Athenas não só no seu culto pelo espirito, mas tambem no desprezo que vota aos povos estrangeiros, que não está muito longe de considerar como barbaros.

A circumstancia de ser o escripto do sr. V. de Mazade publicado na *Revista dos dois mundos*, prova que não é elle um desses aventureiros litterarios, que vem procurar no estrangeiro, abrindo-se á sombra da bandeira que a pleiade brilhante dos escriptores francezes contemporaneos illuminou de gloria, os suffragios que a patria lhe recusa. A *Revista dos dois mundos* é um jornal altamente escrupuloso, que não admite nas suas columnas reputações equivocadas, ou talenios, se assim me posso exprimir, de *chrysocale*.

Dito isto passo a traduzir o artigo do sr. Mazade, acompanhando-o, quando fôr necessario, com as reflexões que facilmente acudirão ao meu espirito.

### I

Nestes ultimos annos a Europa tem-se occupado pouco de Portugal, e não ha paiz, cuja historia interior, exceptuando alguns curtos periodos, seja menos conhecida. Para abalar a nossa indifferença, foram necessarias duas ou tres commoções politicas, que arrojaram para França uma emigração juvenil e intelligente, a flor da nação portugueza. A abrigo das nossas leis se refugiou uma geração que, durante o governo de D. Miguel, abandonara subitamente os bancos da celebre universidade de Coimbra para fugir das forcas armadas ao som dos gritos de—viva a religião! viva o rei absoluto!—Estes juvenis soldados do batalhão academico foram os primeiros a revelar-nos a vitalidade politica que havia em Portugal. Esses heroicos moços, depois de terem partilhado os perigos do cavalheiresco D. Pedro que vinha do Brazil salvar o throno de sua filha, collocando-o debaixo da protecção da bandeira liberal, souberam, chegados á plena virilidade, chamar a attenção para um paiz cujo nome outr'ora encheira o mundo.

A situação geographica de Portugal foi sempre uma das causas da nossa indifferença por esse pequeno reino, exilado no extremo occidente da Europa. Era preciso, para o conhecer, arrostar os azares do oceano, ou as fadigas de uma longa viagem em diligencia, atravez da Hespanha, dos Pyrenéos a Badajoz; azares e fadigas desapparecem hoje. De Nantes e de Bordeus partem regular-

mente barcos de vapor que chegam em dia fixo a Lisboa e ao Porto. Por outro lado o caminho de ferro leva em dois dias o viajante de Paris a Madrid. Infelizmente aqui a scena muda; ainda é impossivel evitar a fatigadora viagem em diligencia atravez das provincias de Toledo e da Estremadura para se ir de Madrid a Badajoz, e essa estrada, apesar de ser uma das mais importantes de Hespanha, porque liga entre si as capitães dos dois reinos da peninsula, é tambem, debaixo de todos os pontos de vista, a mais penosa e a mais ingrata. (1)

No mez d'agosto de 1861, tomava eu esse caminho, entrava numa especie de coche que se compromettia a pôr-me intacto, ou quasi intacto, em Badajoz, levando cincoenta horas a transportar-me da formosa rua d'Alcalá, em Madrid, á cidade illustrada pelos feitos de armas do general Philippon. O campo até Talavera de la Reyna offerece o aspecto arido que tem, depois da colheita, as regiões productoras de trigo; paizagem monotona e pulverulenta que nenhuma arvore alegre, plainos immensos e escavados cujas brandas ondulações se apagam no longiquo horisonte. Proximo da serra d'Altamira o solo alteia-se violentamente; entra-se na região montanhosa. Nada ha mais triste neste mundo do que essas encostas fragosas cobertas dum pedregulho esteril, onde apenas viçam alguns carvalhos enfezados, e algumas oliveiras de tronco nodoso, e de verdura pardacenta. Ahi, entre as urzes e os tojos, pastam numerosos rebanhos de cabras de pello fulvo e raso, guardadas por um pegureiro que, nessas solidões, só encontra a sombra das giestas. Dessas terras deshabitadas é que sãe o Guadiana, rio de margens despidas de vegetação, cujas agoas, correndo por entre muralhas antigas de fragueiros, apenas banham as raizes de magros canaviaes. Se ás vezes se divisa, por entre as collinas, um panorama verdejante, podemos estar certos de que é algum paul sezonatico, onde porcos semi-selvagens se espojam entre os eloendros. O eloendro, em Hespanha, é sempre um indicio de febres. Se por acaso uma aldeota se veio estabelecer na proximidade duma nascente d'agoa pura, é necessario, para a atravessarmos, irmos incomodar uma nuvem de mendigos esfarrapados, entre os quaes Goya, o pintor satyrico da Hespanha, tomou, por força, alguns dos seus typos. Esta parte da peninsula, no seu isolamento, parece que ficou sendo o unico especimen duma época, cujos vestigios já a civilisação fez desapparecer nas outras provincias.

Chega-se, enfim, a Trujillo, cidadinha da Estremadura, muito falta de accio, muito mal construida, que nada tem absolutamente de curioso, a não ser um antigo solar cujas ruinas se divisam sobre uma negrejante massa de rochedos graniticos, que dominam um pequeno valle sem agua.

A calçada, que vem de Madrid, termina em Trujillo. Foi necessario deixarmos o coche, e acco-

(1) Este inconveniente, que existia ainda em 1861, desappareceu agora. O caminho de ferro já não tem solução de continuidade.

modarmo-nos, como podemos, numa carroça desconjunctada, ornada pomposamente em letras vermelhas com o titulo de *Nueva trujillana*. Moidos pelos solavancos do incommodo vehiculo, onde quatro viajantes a muito custo cabiam, chegámos a Badajoz por estradas escangalhadas e cheias de poeira, depois de vinte e quatro horas dum verdadeiro supplicio. Deus queira que em breve o caminho de ferro livre o viajante de semelhantes vicissitudes! Era pouco seductor este vestibulo de Portugal, e tudo quanto eu ouvira dizer em Hespanha fazia-me temer bastante ter ainda que passar vinte e quatro horas numa diligencia portugueza.

Badajoz, apesar da sua importancia, não é uma destas cidades em que a gente se possa demorar por gosto. Ruas estreitas e mal calçadas, casas com janellas de grades, o Guadiana com o seu leite secco e pestilente, soldados e casernas, taes são os encantos da capital da Estremadura hespanhola. Nada nos podia reter na hospedaria do sr. Panseco, nome tristemente significativo. Graças a um obsequiador companheiro de viagem que também ia para Lisboa, em breve se concluíram os preparativos de partida, e no dia 4 d'agosto atravessámos, a galope das nossas mulas, as ruas de Badajoz, tomando o caminho de Portugal. Quando, depois de termos deixado atraz as portas e as fortificações da cidade, entrámos na estrada real, não fiquei pouco surprehendido achando-me num *coupé* muito aceiado, e não sentindo a cabeça resaltar, com os solavancos, de encontro ás paredes da minha prisão; o *zagal*, silencioso, parecia ter esquecido o seu repertorio de maldições e de pragas que, em Hespanha, offendem ás vezes os ouvidos menos susceptiveis. Já eu reparar na cortezia do personagem agalado que nos viera abrir a portinhola. Decididamente era boa esta primeira impressão; o meu companheiro, a quem communiquei as minhas observações, disse-me que não admirava ter eu sido mal informado em Hespanha, porque o povo hespanhol é o que menos deseja conhecer Portugal, e o que realmente menos o conhece.

No meio da planicie que se interpõe a Badajoz e a Elvas, um rio sem agua (2) e um marco separam unicamente os territorios dos dois paizes; nem um guarda de alfandega, nem um *gendarme* se apresentou para nos receber; demais a instituição da *gendarmerie* é completamente desconhecida em Portugal. (3) Elvas surgiu-nos então ao longe, no alto duma collina que nos ficava á direita, rodeada dos seus baluartes, e do seu aqueducto monumental; á esquerda num morro, a cidadella e o forte de Santa Luzia estampavam os seus reductos no horisonte, por cima dum cinto de oliveiras. A disposição destas construcções em frente de Badajoz é tal que parecem fechar as portas do reino, deixando ver apenas por cima das muralhas uma linha de casas brancas no meio

da qual se divisam o campanario duma igreja o um bosque de palmeiras. (4) Em geral, de qualquer natureza que sejam as fronteiras dum paiz, rios ou serras, existe uma certa zona em que se confundem as linguas e os costumes, uma especie de terreno neutro. Aqui, a planicie que separa estas duas cidades extremas só offerece esse caracter até certo ponto. Apenas se chega ao territorio portuguez, logo o aspecto do terreno parece modificar-se; como a cultura do milho exige uma irrigação continua contrasta, pela sua frescura relativa, com as planicies de trigo da Estremadura hespanhola. As communicações são rarissimas entre os povos que parecem pouco desejosos de se comprehenderem e que guardam respectivamente a sua lingua em toda a sua pureza, ainda que os trabalhos dos caminhos de ferro já operassem uma certa fusão.

Não se deve, comtudo, julgar a entrada em Portugal facillima. A estrada que seguíamos, como todas as que desse lado vem de Hespanha, termina nas portas de Elvas. Ali por um instante ficámos sendo propriedade do guarda das portas. Devo dizer que se dá muito pouca importancia aos passaportes; não se dirige pergunta alguma indiscreta acerca de contrabando. Em compensação quando se trata de se saber se os viajantes introduzem tabaco debaixo de alguma forma, as importunidades tornam-se insupportaveis. Não é o governo que representa esse papel de importuno, é o agente do contracto de tabaco. (5) Mediante a somma de nove milhões de francos (6) por anno o Estado arrenda a uma poderosa sociedade de capitalistas o monopolio da venda desse narcotico. O publico, entregue á regia sociedade, deve aceitar, sem dizer palavra, um systema de fiscalisação que muitas vezes o põe á mercê das intermittencias de bom ou máo humor de empregados famelicos. Essa tyrannia em beneficio dum monopolio particular tem um não sei que de odioso. Felizmente Portugal está em vésperas de ver desaparecer este estado de cousas; uma lei nova tende a introduzir uma certa liberdade de venda que, se ainda não assimila o tabaco a outro qualquer producto, não deixa por isso de ser um verdadeiro progresso e uma feliz innovação.

Ao sair de Elvas, apresenta-se Portugal sem mistura. O panorama e os costumes hespanhoes desaparecem muito realmente. Quatro cavallozinhos substituíram as mulas ligeiras nos tirantes da mala-posta, ora conduzida por um grave cocheiro que veste uma libré com as armas reaes portuguezas. Numa das mudas, quiz subir á almofada para gosar melhor o aspecto do paiz, e a frescura que o vento do mar já nos trazia; e não foi pequeno o meu espanto de me achar sentado ao pé dum cocheiro, gordo e rechonchudo Nor-

(4) De palmeiras? Não conheço o Alentejo, por conseguinte em boa consciencia não posso fazer mais do que pôr aqui este ponto de interrogação; mas o leitor deve saber que os viajantes francezes, quando vêm a Portugal, trazem uma provisão de arvores tropicaes para semearem por cá. Não se podem resignar a convencer-se de que a Africa não principia nos Pyrenéos.

(5) Lembre-se o leitor de que isto se passava em 1861.

(6) Mil e seiscentos e vinte contos de reis. Não sei se o algarismo era exacto.

(2) É o Gaia.

(3) É desconhecida ainda? O projecto da guarda civil, que devia remediar este deploravel estado de cousas, que põe os viajantes na dependencia do bom ou do máo character das populações, ainda não teve solução.

mando que logo travou conhecimento comigo e me contou a sua *Odyssea*. No tempo em que D. Fernando era regente, viera elle trazer cavallos da Normandia para serviço da mala-posta; seduzido, provavelmente, por alguma trigueirita portugueza, e, certamente, pelo vinho da terra, não tornara a partir. O seu bom humor não soffrera com esta mudança de clima; tomára, debaixo da influencia dos raios d'õ sol, uns modos picarescos a que dava realce uma linguagem de sua invenção, que ninguem percebia e que elle afirmava ser portuguez. Devemos dizer que os francezes são duma extrema sem-cerimonia com as linguas latinas; por meio de algumas terminações que apanham ao acaso, logo as modificam para uso proprio, e se os não percebem preferem accusar a intelligencia dos seus interlocutores a confessarem a sua propria ignorancia.

O caminho que seguimos não deixava logar ao fastio; as mudas succediam-se rapidamente; atravessavamos valles fertes e risonhos; subiamos collinas cobertas de verdejantes carvalhos, de oliveiras e de vinhas avergadas de cachos d'uvas, ora rejubilados pelo panorama duma vegetação luxuriante, ora impressionados pelo aspecto grandioso de rochedos avermelhados e pardacentos. A beira do caminho agrupavam-se aldeias de casas brancas e aceiadas, cercadas de jardins. Quando aos ultimos clarões do dia appareceram ao longe as muralhas de Estremoz, a marmorea villa, (7) já eu achava pequenos os dias de verão. Este passeio, que nada tivera de penoso, desenvolveu em mim um ardente desejo de travar conhecimento com a *posada* portugueza. Os caminhos de ferro vão tirar aos viajantes o motivo de visitar esta cidade que tambem pouco interessante é. Ha lá, comtudo, uma estalagem (*cabaret*) (8) digna de ser recommendada aos *touristes* que o acaso levar a Estremoz. O dono della é barbeiro e cutileiro. A luz dum candieiro de forma antiga, servio-nos o honrado homem um excellente jantar composto de gallinha com arroz, lombo de porco do Alemtejo, fructa excellente, e optimo vinho. Tinha escapado, emfim, ao sabor de oleo de ricino que por toda a parte se encontra na cosinha hespanhola, e não vi apparecer nem a sombra dum *garbanzo*. Quando se tratou de pagar, por mais que eu desfigurasse a nobre lingua castelhana, não consegui transformal-a em portuguez. O meu patrão (*hotelier*) empregando o mesmo processo com a sua lingua natal não conseguiu fabricar hespanhol. O que havia mais claro na nossa palestra era que me pediam 480 reaes (perto de 126 francos) pelo meu jantar, e eu revoltava-me contra isso. O meu companheiro de viagem, entrando nesse momento, explicou-me que se tratava de 480 réis (2 francos e 75 centimos.) Sempre era bom entender-se a gente.

Até então fizera pouco reparo no meu companheiro de viagem, que tambem me entregára á

(7) *Ville de marbre!* Não sei o que motiva esta pomposa denominação. Não me atrevi a traduzir cidade de marmore, como devia, porque temi o paralelo de Estremoz com Genova a soberba que recebe dos viajantes o mesmo lisongeiro appellido.

(8) *Auberge* e não *cabaret* e que a nossa palavra «estalagem» significa.

iniciativa das minhas observações pessoas; mas a frígida nebrina da noite, obrigando-nos a irmos encerrados dentro da carruagem, alguns charutos, escapos da vigilancia dos empregados de Elvas, depressa estabeleceram entre nós uma cordial intimidade. Se eu não soubesse o nome do meu interlocutor, e se o seu typo nacional fosse menos pronunciado, podia julgá-lo meu compatriota, pelo modo como se servia da lingua franceza. Conhecera muito a França em outro tempo; mettido em todas as commoções politicas do seu paiz, viera, por varias vezes, refugiar-se nesta hospitaleira terra, que lhe deixára recordações agradaveis. Conhecia bem os seus compatriotas, e deume, sobre Portugal, toda a casta de uteis noções. A proposito do embarço em que me vira quando se tratava de pagar ao meu estalajadeiro (9) *maitre du cabaret* disse-me elle: «O nosso systema monetario embarça muito os estrangeiros em geral; e, com effeito, é bastante complicado. Então explicou-me o valor e o emprego dos *réis*; fiquei sabendo o que era o vintem, o pataco, o tostão, o pinto, o cruzado; mostrou-me essas moedas, indicou-me as relações entre si; foi um verdadeiro curso de numismatica. Quando chegámos a Monte-mór-o-novo, parámos para tomar chá; esta bebida asiatica (digamol-o de passagem) é tão querida dos portuguezes que no mais pequeno logarejo do reino se encontra, e se toma! Emfim, ás sete horas da manhã, a carruagem parava na estação de Vendas Novas, donde o caminho de ferro do sul me devia conduzir a Lisboa. A provincia, que acabavamos de atravessar assim de corrida, é a do Alemtejo, que tem uma triste reputação. «É um paiz dezerto e sesonatico» tinham-me dito. O que eu vira não correspondera a essa pintura. O Alemtejo, pelo contrario, parecera-me alegre e bastante povoado. Quando conheci depois a região percorrida pelo caminho de ferro que de Lisboa se dirige a Badajoz, a vista das charnecas (*landes*) ermas e paludosas, que se estendem desde Constança até Elvas explicou-me a fama que a provincia gosa. Nos arredores do Crato, por exemplo, durante o verão, a natureza inteira parece tremer de febre; as raras e miserias aldeias que se encontram são habitadas por uma população enfesada, magra, de tez amarella, com olhos rasgados, negros e immoveis, que a terrivel terçã, (10) (*fièvre tierce*) dizima. Tivera a felicidade de escapar a tão penosa impressão na minha primeira viagem atravez do Alemtejo, viagem que me deixava uma lembrança agradável ao chegar a Vendas Novas, separada apenas por 55 kilometros de caminho de ferro da villa do Barreiro, na margem cidade banhava os pés nas vagas tranquillias que, scintillando aos raios do sol, pareciam liquidas chammas; no fundo verde do mar destacavam-se os roseos cambiantes duma multidão de velas trian-

(9) *Estalajadeiro* diz o texto. Erro facil de comprehender num estrangeiro que sabe mal a nossa lingua. Ainda este não é dos que mais a estropiam, e dos que interpretam mais falsamente as palavras portuguezas. Fique entendido que, sempre que eu pozer ao lado, entre parenthesis, a traducção franceza, é porque no texto vem o termo portuguez com a explicação do auctor.

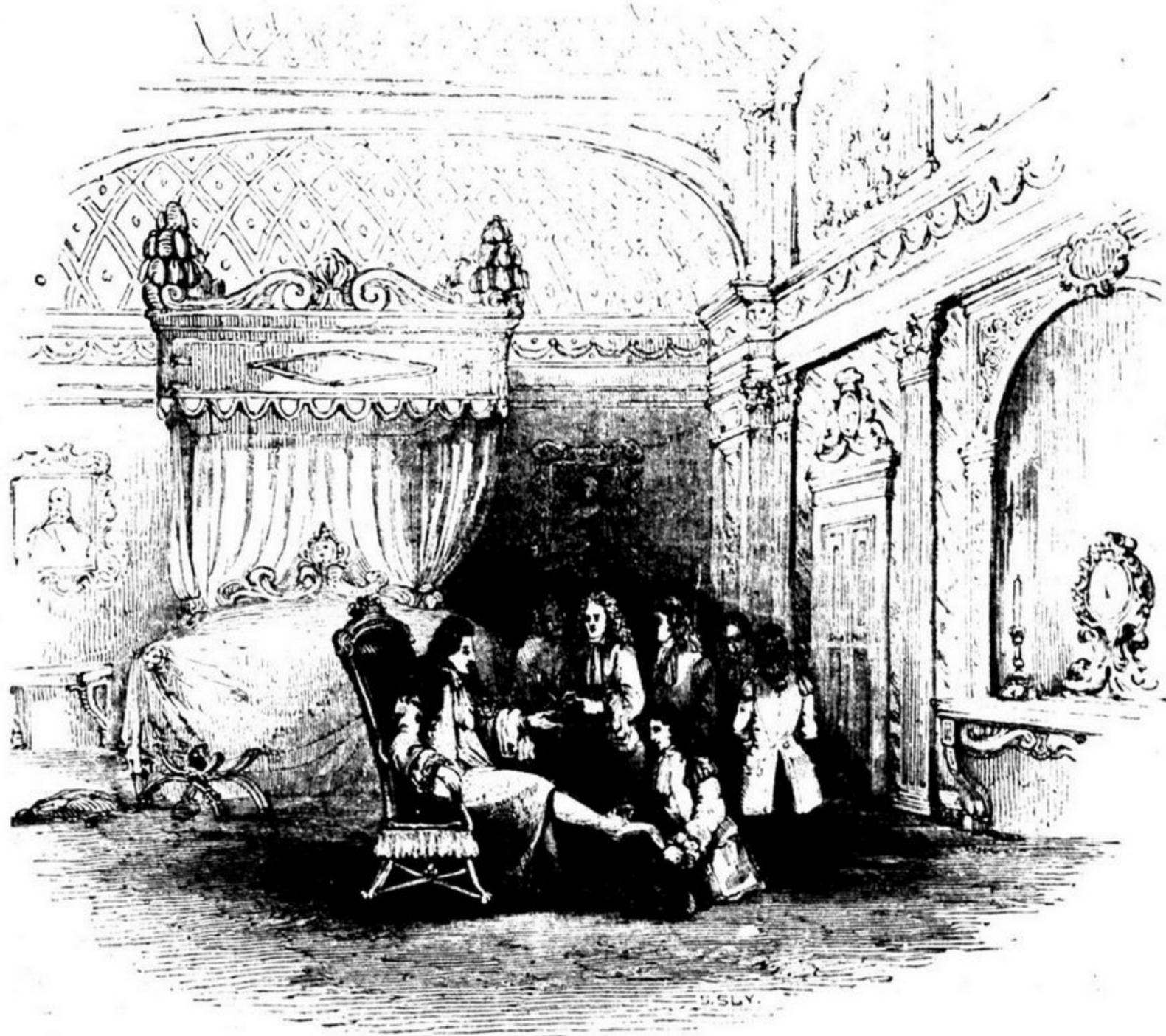
(10) *Terciana*, diz o texto.

gulares que resvalavam ligeiramente na superfície limpada. Um barco de vapor vem esperar os passageiros do comboio para lhes fazer atravessar a enseada; saltei para o convés afim de melhor disfructar este espectáculo. Enquanto o barco sulcava as aguas do rio, a custo o meu olhar abraun-

gia essas immensas perspectivas da cidade alvejante. Aqui, à esquerda, era o palaeio de Belem esquerda do Tejo. Ah!, não pude deixar de sentir uma viva commoção a vista do panorama grandioso que de subito se desenrolou diante de mim.

(Continua)

M. PINHEIRO CHAGAS



Luiz XIV em Versalhes

A nossa estampa representa Luiz XIV no acto em que uns poucos de cortezãos estão a assistir á toilette daquelle soberano, — o symbolo do orgulho, o quasi Deus em Versalhes, graças á vileza e abjeção dos nobres que se julgam felizes em gosar da vista e do sorriso do *grande rei*, do rei theatral da Franca. Uma chusma de vis adulaadores, da mais alta nobreza, do sangue mais azul, acudiam todas as manhãs ao quarto de dormir de Luiz XIV para assistirem ao acto de se vestir; um dava ao *idolo* a camisa, outro as meias, outro os calções; este pegava na bacia para Sua Magestade lavar as reacs mãos, e o real rosto; aquelle trazia um lenço ensopado em aromas; outro pegava na toalha. — Quando pelo dia adiante Sua Real Magestade mudava de traje, as mesmas scenas; á noite, as mesmas praticas subservientes e vis, na occasião em que o monarcha, depois de representar o seu papel durante o dia, passava a tomar o indispensavel repouso. — Tudo ali era ceremonioso, tudo artificial, tudo regulado pela mais enfadonha etiqueta, tudo marcado para a *representação*. Aquelle rei enfatuado tomou o pulso á nobreza, vio-a abjecta, vio que

ella se lhe rojava aos pés, vio que nada mais queria do que aquella vida servil... e deliberou-se a desfructar uma tão desprezivel subservencia. — O famoso duque de La Rochefoucauld era o modelo dos cortezãos. Durante uma longa serie de annos nunca deixou de assistir ao acordar do rei (*lever*), a todas as mudancas de traje, ao deitar do rei, ás caçadas, aos passeios; e conta-se que durante quarenta annos não foi dormir a Pariz vinte vezes, nem pediu licenca jámais para deixar de acompanhar o rei. — Era uma honra sem igual, e que os vis nobres disputavam entre si, o prestarem ao orgulhoso monarcha servicos verdadeiramente proprios de creados salariados. — Ainda bem que o duque de Saint-Simon, quando á noite se recolhia á sua camara, lançava no livro, que a posteridade havia de ler, as subservencias, as vilezas, as indignidades, que durante o dia presenciava, no meio da phantasmagoria a que assistira. Todo o homem que pretender adquirir conhecimento do que era a corte de Versalhes no tempo de Luiz XIV, conhecimento do coração humano, conhecimento da enfatuação dum rei absoluto endeosado

pelos adutores, conhecimento da prostituição da nobreza quando se avilta ao ponto a que se aviltou a de França na mesma época... deve ler as *Memorias do duque de Saint-Simon*. — Não desconheço que algumas grandes cousas se fizeram no longo reinado de Luiz XIV; não desconheço os nomes dos grandes homens que brilharam então nas letras, na administração, na guerra; mas tudo isso é independente do servilismo da nobreza, da soberba orgulhosa do soberano, da quebra da dignidade humana, da miseria geral do povo.

## BEATRIZ

Scenas da vida íntima dos Açores no seculo XVIII

(Continuado de pag. 272)

### IX

A condessa de Berg, alguns mezes depois de haver largado o castello de Alt Burg, casára-se com o visconde de..., filho segundo dos principes de... O visconde era franco, affavel, intelligente e generoso, mas excessivamente vaidoso e indolente. Coração facil de se apaixonar, era de uma volubilidade extrema, e com a mesma facilidade com que idolatrava uma mulher se esquecia della. Homem de caprichos e vaidades, desejava possuir o coração de uma mulher, como poderia desejar uma condecoração, para lhe ornar o peito, ou uma pluma para lhe enfeitar o chapéo.

Caracteres de indoles mui diversas eram os do conde e do visconde. Um nascera talhado para o estudo e para as concepções mais transcendentes, o outro, avesso a tudo que era especulativo, só se inclinava para as cousas praticas. O primeiro, homem de altos espiritos, possuia uma intelligencia propria para brilhar, como um astro radiante, no mundo intellectual; o outro, menos bem dotado pela natureza, estava destinado para viver na sombra. Ao conde cabia a sorte de deslembrar, ao visconde a de colher as fragancias e amenidades da sua posição.

Na universidade, que o visconde cursára com o conde, fôra aquelle um desses homens que nada valem como estudantes; a sua vida corre cortada por continuas distrações, que o traziam sempre afastado do conde, o qual, apesar disso, conhecia bastante para delle dizer o que abaixo referiremos.

O visconde era um lindissimo rapaz, mas de uma leviandade incontestavel. Casára com a condessa porque era filho segundo e ella uma rica herdeira, cujos cabedaes lhe dariam occasião de passar vida de ostentações e prodigalidades. É, porem, de notar, para honra delle, que, com o volver do tempo, lhe brotára, no intimo d'alma, uma affeição mui sincera pela alma angelica da condessa. O seu caracter, porem, não lhe permittia lembrar-se sempre com amor de Maria Thereza de Berg.

Um dia, em que, depois de um lauto e opiparó jantar, se deixava reclinar suavemente sobre os brandos coxins de um flexivel sofá dos seus salões, entrou nelle a condessa de Altamira.

Com o conde estava um seu amigo que, com elle, se deliciára a saborear um magnifico charuto de Havana. Com os sentidos exaltados pelo suave aroma que exhala o tabaco daquellas paragens, a mente escandecida pelas frequentes li-

bações, tinham a imaginação propria para phantasiar amores sensuaes.

Quando a condessa entrou em sua casa, originou-se entre ambos o seguinte dialogo:

— É bem formosa, visconde, a condessa de Altamira.

— E tem, respondeu o visconde, um marido commodissimo, um philosopho perfeito, que só se abraça com theorias ideaes.

— Tu, meu caro visconde, sempre és o homem mais feliz do mundo. Lançam-te perolas em casa, como outr'ora em Roma se lançavam flores aos convivas dos imperadores.

Essas idéas e outras que, após ellas, se levantaram na imaginação do conde, fizeram-lhe suggerir o desejo de cortejar a condessa.

Os cortejos do visconde, porem, não foram tão felizes como elle os imaginára, que a condessa de Berg depressa os descobrio.

### X

Traída na sua propria casa, pela amiga que nella acolhera, sangrou-lhe dolorosamente a ferida que ella lhe abriu no coração, e, levada da indignação e dos primeiros impulsos do amor ultrajado, escreveu ao conde, a contar-lhe a infamia da mulher que vilipendiava o seu nome.

A carta da condessa apanhou o conde de chofre. A sua imaginação, pouco affeita ás torpezas do mundo, nunca sonhára com a vergonha de se ver ultrajar assim por sua mulher. Espirito envolvido pelo idealismo que se exhalava dos livros, a cuja lição se dava, o mundo exterior apparecia-lhe atravez de um prisma mentiroso e difficilmente acreditava nas vilanias que, de espaços a espaços, lhe soavam aos ouvidos, quando descia da esphera intellectual, em que vivia, á da realidade que desadorava. Acordava, pois, dos sonhos magicos que o embalavam nas meigas horas que votava ao estudo, para ter ante os olhos a prova mais cabal da traição infame de uma mulher, a quem consagrava o culto ardente de um coração virgem de affectos. A desillusão pungente, que soffria, e a medonha tormenta que lhe foi n'alma, não ha palavras que valham a revelal-as, e só os factos que praticou as pódem exprimir, ainda que imperfeitamente.

O cortejo de circumstancias que revestiam a noticia que lhe dera a condessa, não lhe davam margem para duvidar. Homem de nimia boa fé poderia ser vilmente enganado e depositar imerecida confiança em sua mulher, se a prudencia, a bondade inalteravel e até o amor proprio da condessa lhe não garantissem a verdade das suas revelações, sobre um objecto de tanto melindre.

Quando acabou de ler a carta da condessa, representaram-se-lhe com cores mui negras os ultimos tempos da sua vida conjugal, e não pôde deixar de sentir que, já ha mais tempo, devia ter pensado que mal se casa amor com tamanho esquecimento.

Essa noticia, recebida da condessa de Berg, a mulher que o duque de Altamira lhe destinára, produziu-lhe ainda mais triste effeito, porque a sua imaginação febricitante se lhe antolhou uma recordação mysteriosa, dada por Deus, da falta de consideração com que olhára para as idéas do irmão.

No momento, em que isso lhe succedeu, se lhe levantaram no espirito os preconceitos de fidal-

go, a ponto de passar aos extremos de se julgar castigado, por não haver respeitado as idéas nobiliarias do duque D. Pedro, e a tamanho desconcerto pode levar um desgosto serio que elle, democrata como era, nesses instantes de delirio dizia, de si para si, que essa mulher o traia por que não tinha nascimento, como se não houvesse tanta aristocrata que desce ás ultimas infamias da mais vil prostituição.

Lavar com sangue a nodoa com que essa mulher lhe manchára o seu brazão, era a unica idéa que lhe agitava o espirito pouco antes tão exaltado pelas mais nobres e santas theorias.

A condessa de Berg não previra as consequencias da sua carta, que foram funestas; porque, no dia seguinte ao da sua recepção, os dois rivaes se bateram e ambos saíram perigosamente feridos do campo do duello.

## XI

D. Fernando foi para sua casa em braços; mal lá chegou a condessa espavorida queria prestar-lhe todo o auxilio, elle, porém, logo que a conheceu, teve taes transportes que o medico lhe pediu que não lhe apparecesse mais, a fim de lhe não exacerbar o delirio da febre, que o podia levar mais depressa á sepultura.

Em quanto os medicos se desvelavam em furtar ás roxas agonias da morte o amante e o marido da condessa, ella via-se só, entregue á porfia de seus pensamentos e de remorsos pungentes. Memorias mui tristes lhe dilaceraram os seios d'alma n'esses momentos de cruel anciedade.

Dias passou a condessa nesse estado, até que soube que o visconde estava inteiramente restabelecido e se havia retirado para um formoso jardim, que possuia nas cercanias de V... onde vivia mui feliz, nos braços da condessa de Berg, cujo coração irritado se abrandara diante do sincero arrependimento do marido.

O visconde era homem para ir caminho de novas conquistas; embargaram-lhe, porém, os passos o character de sua mulher e o modo por que lhe haviam feito pagar os seus primeiros triumphos; é que elle queria fragrancias e estava pouco disposto para colher após ellas espinhos.

Vendo-se abandonada pelo amante, depois d'elle lhe ter manchado a reputação, confrangeu se-lhe mais o coração e sentio nascer-lhe novo amor pelo conde, que continuava a votar-lhe profundo despreso. D. Fernando, que ella traia e que, por mezes, esteve prestes a exhalar o ultimo suspiro, apparecia-lhe revestido dos encantos e misterios do amor que vive além da campa e mais puro se levanta ao cerrar-se ella de todo.

A passos lentos foi D. Fernando recuperando a vida, que temerosa havia sido a crise que atravessava, e durante esse longo restabelecimento esteve a condessa na mais cruel incerteza. Amava o conde com delirio e dizia-lhe o coração que elle a havia de repellir sem commiserção.

Chegou, finalmente, o dia em que o medico do conde lhe permittio fallar a Maria. Esta entrou-lhe no quarto tremula e com a voz presa. Breve, porém, foi a scena que entre ambos se passou.

O conde recebeu-a de pé com as maiores attentões e estudada indifferença. Mal ella se sentou, porém, disse-lhe:

— V. ex.<sup>a</sup> deve convir que, havendo cortado o laço, que nos prendia, eu devo-me julgar tão estranho a v. ex.<sup>a</sup>, como antes de ter a honra de a conhecer; e, por isso, não só não posso continuar a dispender as rendas da sua casa; mas até não posso viver mais no paiz que habitar.

A condessa, ao ouvir estas palavras do conde, fizera-se branca de jaspe, a voz tornara-se-lhe mais presa e, por largo espaço, lhe faltara de todo, até que, podendo recobral a, se lançou aos pés de D. Fernando, pedindo-lhe pelo amor de Deus que a não deixasse só no mundo. — De certo que a não deixo só no mundo, se v. ex.<sup>a</sup> o não desejar, pois preveni-me a tempo, com uma licença para v. ex.<sup>a</sup>, se quizer, poder entrar no convento de...

Entrar num convento ou ficar em sua casa era cousa totalmente indifferente para a condessa, o que ella desejava era que o marido a não largasse. A vergonha, porém, de se mostrar pouco arrependida obrigou a a aceitar o offerecimento do conde e a recolher-se ao mosteiro de...

O conde, pouco depois d'esta scena, largou V. , descrente do arrependimento da condessa; por que elle tinha para si que uma unica queda só o Niagara dá.

## XII

No dia seguinte, ao da partida das Furnas de D. Fernando, por uma calmosa e formosissima manhã de estio se ostentavam á luz do sol as mais brilhantes côres da viçosa e feracissima vegetação do valle, cujas águas, serpenteando a travéz das plantas virentes que o tapetam, o embalavam com seu doce cantar. Com a temperatura tepida da atmosphera e a dos banhos, que entibiam as forças do corpo, se casavam os suaves murmurios dessas águas, para convidarem o espirito ao repouso e o coração ao amor, que embriaga a mocidade e é o seu desejo mais ardente, a sua aspiração mais alta e o enlevo mais grato e saudoso, que a prende á terra.

As doze horas dessa manhã, tão encantadora, se achava reunida no tanque do sr. Hiking, grande parte das pessoas, que então estavam no valle. Impellidas pelo desejo de gosar o espectáculo daquella natureza e de se refrigerar dos ardores da calma, quasi todas haviam concorrido para o jardim. Alli uns se compraziam em suaves praticas, outros se esqueciam dos cuidados da vida, para se refocilarem da sua aridez na amenidade daquella natureza, contemplando os cambiantes das flores, a verdura dos arvoredos e o leve ondear das suas folhas e das suas sombras. Entre esses grupos de figuras de toda a especie, desde a mulher, cujas illusões o seu outomno já desfolhou, até a virgem, cujos sonhos infantis acabaram de se desvanecer, para se lhe abrirem ante os olhos da imaginação os da adolescencia, se assignalava Beatris pela sua melancolia e pelos seus ares distraídos. Levemente reclinada sobre um dos delicados canapés de ferro do jardim, os seus olhos alongavam-se na direcção da escadaria que desce da casa para o lado da ponte, que fica sobre o tanque e, de instantes a instantes, quando uma leve agitação das arvores ou o som longinquo de alguns passos se ouvia, a sua physionomia traia uma anciedade mui visivel. Sua mãe, porém, sentada no

mesmo canapé com as mãos cruzadas sobre o ventre proeminente e a attenção presa por uns patos, que, mergulhando-se nas aguas do tanque, lhe brincavam diante dos olhos, lembrava-se do excellente sabor, que elles teriam e com essa golosa recordação se esquecia da filha e das suas tristezas.

Em quanto a senhora morgada se achava nessa serafica posição, acercou-se della o sr. Hikling, que a complimentou com a affabilidade que o caracterisava e lhe disse com um sorriso mui amavel:

— V. Ex.<sup>a</sup> está deveras namorada dos meus cisnes?

O sr. Hikling julgava a morgada captiva da belleza dos seus cisnes; ella, porém, depressa lhe tirou essa illusão, respondendo-lhe:

— De que cisnes falla? ainda os não vi aqui!

— Pois V. Ex.<sup>a</sup> está a olhar para elles, ha tanto tempo, e ainda os não vio!!

— Não senhor, que eu olhava para os seus patos e não para os cisnes.

— V. Ex.<sup>a</sup> gosta de os vêr mergulhar replicou o sr. Hikling.

— Não desgosto é verdade de os vêr mergulhar; mas do que eu mais gosto é de me recordar do delicioso sabor, que elles tem comidos com arroz.

O sr. Hikling não pôde conter um sorriso e deixar de volver um olhar de intelligencia para o General Alvaro de Sousa, que estava encostado a uma arvore, um pouco atraz de D. Ignez.

A morgada tomou o sorriso do sr. Hikling por affabilidade e voltou-se para elle, com uma physionomia tão aberta que elle se animou a continuar a conversa e accrescentou, voltando-se para o General:

— V. Ex.<sup>a</sup> tem companheiros do seu gosto. Alli está o General que hontem com a melhor vontade me fez as honras a um cazal e o conde de Altamira, quando aqui esteve, me declarou que era esse o melhor prato destes sitios.

— Pois o conde já cá não está, exclamou a morgada, que, para logo, sentio sympathia pelo fidalgo, em attenção aos seus gostos culinarios.

— Não senhora, partio hontem.

Beatriz, até então estranha a tudo, que ia em torno della, sobresaltou-se ao ouvir o nome do conde e ficou pendente dos labios do cavalheiro americano, que, conhecendo a anciedade da menina, disse á morgada:

O conde não foi para longe, ausentou-se por alguns dias, para vêr alguns sitios proximos do valle.

Não fôra essa a mente do conde, pois queria elle fugir dos logares em que Beatriz estava, com tudo, para evitar instancias do sr. Hikling, havia-lhe dito que cedo voltaria.

Beatriz, mal ouviu que o conde voltaria de novo ao valle, serenou-se.

(Continúa)

VICENTE MACHADO DE FARIA E MAIA.

### A UMA FLOR

Vae minha flor, quão ditosa,  
sim, ditosa, que tu és!  
Sobre ti seus olhos lindos  
irão fitar-se talvez,  
suas mãos vão desfolhar-te,  
vaes ser calcada a seus pés!

Coimbra

A. X. DE SOUSA CORDEIRO.

### SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

**Les merveilles du monde invisible** par Wilfrid de Fonvielle. Ouvrage illustré de 115 vignettes. Paris. 1867.

Neste bello livro nada se encontra, que seja magico, nem pertença á ordem dos contos das *Mil e uma noites*. Aqui sómente se trata de entes e objectos reaes da Creação, examinados de perto e com a maior perfeição por meio do microscopio. Se no titulo se falla do *mundo invisivel*, — convem notar que esse *invisivel*, ou se refere aos homens intelligentes que ainda não tiveram occasião de observar certos phenomenos, ou aos individuos que nem sequer imaginar podem a existencia desses phenomenos.

A palavra *microscopio* compõe-se de duas palavras gregas, *mikros* (pequeno) e *scopio* (examinar) e designa o instrumento de optica que tem por fim engrossar pequeninos objectos, que pelo seu exiguo tamanho escapariam á vista desarmada. — Crê-se que este utilissimo instrumento foi pela primeira vez empregado por um optico de Middelburgo, Zacharias Jansen, o qual o inventou em 1590; é porém certo que foi depois aperfeiçoado, e maiormente nos nossos dias, em França, na Allemanha e na Italia. — Dissemos, ha pouco, que era utilissimo este instrumento; e com effeito, muito tem elle contribuido para os progressos das sciencias naturaes, e dado occasião a descobrimentos importantes em Anatomia, em Zoologia, e na Botanica.

No livro, de que damos noticia, encontram os leitores uma descripção acompanhada do competente desenho, do microscopio portatil, de Natchet; — do microscopio que serve para as reacções chimicas, — do microscopio de estudo, — do microscopio binocular, — do microscopio de tres corpos, — do solar, — e do photographico.

Mas não são estes elementos senão os preparatorios do assumpto principal do livro, qual é a applicação do microscopio a diversos entes e objectos infinitamente pequenos, e a percepção de maravilhas, que nem sequer a nossa imaginação podia adivinhar. Assim, examinando com o microscopio — competente e bem manejado — uma pequena gota de agoa de um pantano, os cabellos, o sangue, o ovo, pequenissimos insectos, etc. etc., vemos perfeitamente phenomenos admiraveis, que mais e mais engrandecem o poder do Creador, e nos fazem penetrar em um mundo invisivel, illuminado pelo esplendor divino!

Pondo de parte o sem numero de entes vivos e animados que a inspecção microscopica nos revela, — bastaria que fixassemos a attenção sobre o phenomeno da vida nessas infinitamente pequenas creaturas, para ficarmos repassados de admiração e de assombro! O olho armado do microscopio, e cabalmente exercitado, vae descobrir nesses quasi imperceptiveis seres todos quantos orgãos são necessarios para a respiração, para a alimentação, para a locomoção, etc.!

De um modo desenfastiado e jocoso encaminha o auctor deste livro o leitor ao estudo de mil phenomenos curiosos, que outras tantas maravilhas são no mundo, como as que em ponto grande, e bem patentes se nos offerecem na superficie da terra, e no céu estrellado que está por cima de nossas cabeças.

Lisboa, 2 de Agosto de 1867.

José SILVESTRE RIBEIRO.

Typ. Franco-Portugueza. Rua do Theouro Velho n.º 6